

COLETIVO
NACIONAL
DE MULHERES
PETROLEIRAS | FUP



MAIS RESISTÊNCIA E REPRESENTATIVIDADE DAS



PETROLEIRAS

8 DE MARÇO DE 2020



por Conceição
de Maria Rosa
Diretora de
Formação do
Sindicato NF

O 8º ENCONTRO NACIONAL DE MULHERES PETROLEIRAS acontecerá de 24 a 26 de abril, em Duque de Caxias/RJ e o tema a ser discutido será: “Água, mulheres e energia não são mercadoria – petroleiras contra a privatização”

Haverá uma homenagem póstuma a Marielle Franco.

Vamos colocar o bloco na rua

Em 2020, aspiramos reconstruir a esperança para o feminino no Brasil. É hora de retomar o bloco na rua:

“Há quem diga que eu não sei de nada, Que eu não sou de nada e não peço desculpas.”

Como colocar esse bloco na avenida? E como sobreviver num país que em pleno século XXI presencia o machismo, o sexismo, a misoginia, o aumento do feminicídio e tantos outros ataques? É retrocesso que se fala?

No atual governo, sentimos isso na pele todos os dias. Somos descartadas e coisificadas para não termos visibilidade nos espaços de poder que já nos pertencem, por isso nos agridem com palavras de baixo calão e tentam nos intimidar para nos deixar submissas.

“Que eu perdi a boca, que eu fugi da briga, Que eu caí do galho e que não vi saída,

Que eu morri de medo quando o pau quebrou.”

O pau quebrou mas avançamos nas participações em encontros, seminários, atos de rua, reuniões integradas e conferências, importantes para a participação da sociedade civil. As Conferências de Políticas para Mulheres foram relevantes nas três esferas, Municipal, Estadual e Federal. É a voz das mulheres que chega onde as políticas públicas se fazem, é a resposta social como resultado do acúmulo de nossas lutas.

Como assumir os espaços de poder se nos são tirados todos os dias?

“...á quem diga que eu dormi de touca. Que eu perdi a boca, que eu fugi da briga...”

Não fugimos. No cenário atual, a Petrobras vem sendo atacada pelo desmonte e pela privatização, temos nos desdobrado para manter a empresa de pé em uma conjuntura que nos coloca frente a frente com os obstáculos: os desinvestimentos, as vendas de refinarias, as vendas de ativos, o patrimônio se dissolvendo a olhos vistos. Nunca se presenciou a desnacionalização do país como agora. E no mês anterior, erguemos nossas bandeiras em greve nacional para que a batalha não fosse em vão, ocupamos a sede da empresa, estivemos na porta com nossas reivindicações e nas ruas em marcha.

“Eu, por mim, queria isso e aquilo. Um quilo mais daquilo, um grilo menos disso...”

Queremos viver a carnavalização, fazer movimentos, e voltar a sonhar. E que esses sonhos se eternizem na esperança da mulher assumir espaços no Parlamento onde terão condições de gerir leis que possam contribuir com o debate de gênero e de trabalho e renda.

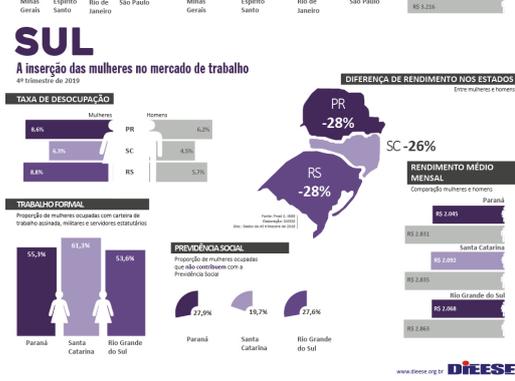
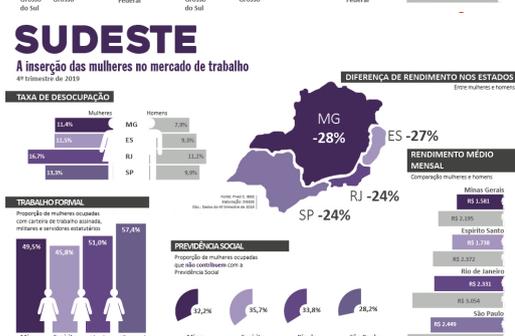
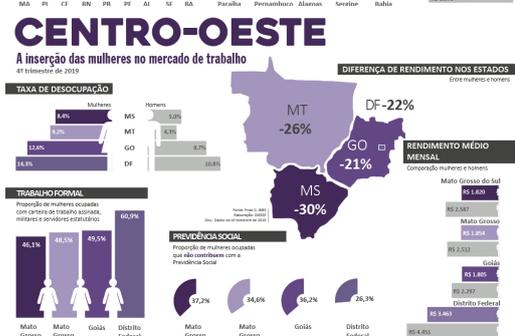
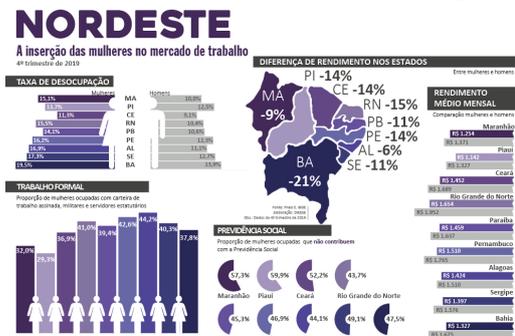
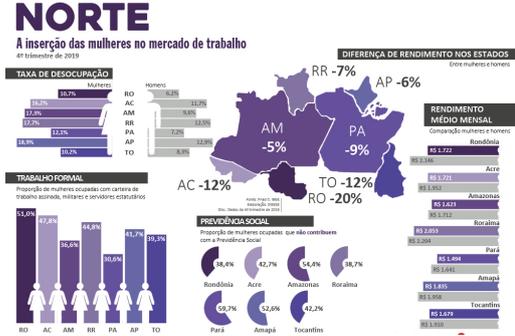
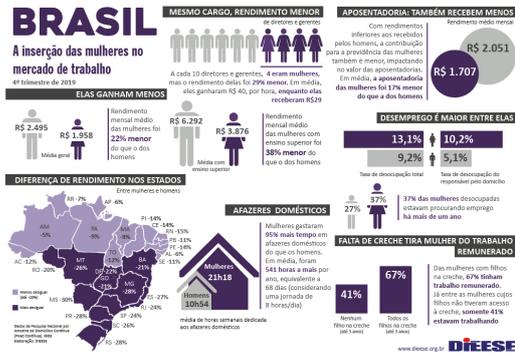
Nosso olhar alcançou as lutas das outras mulheres, tivemos no Brasil no bojo das eleições de 2018, o #elenão, que foi uma manifestação que nos colocava no centro das discussões e nos colocava presentes pela luta de nossos direitos e, recentemente, o protesto das chilenas que transpassou os muros do país e atingiu o mundo todo com coreografias [o corpo que fala no silêncio da voz].

E no nosso cotidiano, será carnaval [a grande festa], quando conseguirmos ampliar a voz das mulheres no campo do sindicalismo, tornando-as presentes como diretoras ou como protagonistas das decisões da categoria e nas eleições e participações das Cipas (Comissões Internas de Prevenção de Acidentes) que têm ações importantes na saúde e segurança da trabalhadora e do trabalhador.

Seguiremos com unidade, buscando a equidade, e na voz o grito de liberdade e no corpo a marca do amor e da alegria e vamos, sim, colocar o bloco na rua.

“É disso que eu preciso ou não é nada disso, Eu quero é todo mundo nesse carnaval!”

DIEESE disponibiliza dados sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho no Brasil e por região:



Colômbia | O feminismo está marcado no último romance de Marvel Moreno, escritora colombiana que só ganhou fama e reconhecimento anos depois de sua morte, com obras que exploram o sistema patriarcal e os modelos viciados, perversos e decadentes que dele se desprendem como machismo, homofobia, prostituição e violência de gênero.



Mulheres: mais rep

As mulheres, cada vez mais unidas, já conhecem sua luta e seguem empoderadas resistindo à tentativa de ressurgimento do fascismo e do conservadorismo no mundo. De que maneira? Buscando mais representatividade na sociedade, ocupando espaços e resistindo. Na América do Sul, fatos marcam a luta das mulheres:



É o feminicídio. Impunidade para o assassino. É a desapareção. É o estupro. O estupro é você. Diz a canção de protesto do Lastesis. Em 2019, 41 feminicídios foram registrados no Chile, segundo dados do Ministério da Mulher e Igualdade de Gênero do país sul-americano.

Chile | O coletivo feminista "Lastesis" realizou performances em manifestações por todo o Chile e divulgou vídeos com músicas de letras fortes como "o patriarcado é um juiz que nos castiga por nascer e nosso castigo é a violência que você não vê" que viralizaram nas redes sociais e serviram para marcar o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as mulheres.



Argentina | Pela primeira vez na história, uma mulher presidirá os Capacetes Brancos (agência do Ministério das Relações Exteriores da Argentina dedicada ao projeto e execução da assistência humanitária e interlocutor desta questão com organizações internacionais). A nova presidente Marina Cardelli, é professora e pesquisadora da UBA, linguista e ativista feminista, ela ocupará o posto de subsecretária e o cargo de embaixadora extraordinária.



Brasil | A Antropóloga e Colunista do EL PAÍS, Debora Diniz recebeu o prêmio internacional Dan David Prize por seu trabalho na área de igualdade de gênero. A iniciativa, que existe desde 2001, reconhece pesquisas interdisciplinares que “quebram paradigmas e fronteiras” promovendo “impacto social e cultural”.



Representatividade e resistência

Brasil | Empoderamento e liberdade das mulheres no Carnaval é fato, diversos blocos como o Mulheres rodadas e o Pagu, trazem como forma de protesto dizeres contra os machistas e outros como forma de liberdade corporal. Suas vestimentas representam que sua roupa ou a falta dela, não é um convite para o assédio e perpetuam o “grito” que “Não é não”.



Uruguai | A diretora da ONU Mulheres para Américas e Caribe, a uruguaia Maria-Noel Vaeza, esteve no Brasil para discutir políticas para o avanço dos direitos das mulheres, em vista da campanha internacional “Geração Igualdade”, que pretende cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) até 2030. Segundo ela: “Não se pode aceitar que o orçamento para políticas para as mulheres seja um dos menores. Isso é uma vergonha”.

Vaeza, quando questionada sobre declarações sexistas e misóginas por parte de autoridades, se são um obstáculo ao avanço do direito das mulheres, ela responde que: “esse senhor tem medo das mulheres, se sente inseguro e, por isso, ataca”. E ainda reforça que, “eu gosto que tenham medo. Porque isso significa que sabem que a era da mulher está chegando e que as pessoas que estão no poder hoje não têm preparação e mostra que estamos vindo com muita força.”



Argentina | Nelly Minyersky, advogada especialista em direito de família, que, com 90 anos, se tornou uma referência para as jovens feministas argentinas. Em 2018 foi convidada pelo congresso a apresentar seus argumentos acerca da legalização do aborto. O projeto foi aprovado no congresso e rejeitado no Senado, mas mesmo assim foi considerado um avanço. Nelly conseguiu que movimento pela legalização do aborto na Argentina fosse associado ao discurso de defesa dos direitos humanos, que tem um peso histórico no país por conta de outros movimentos de mulheres, como as Avós e Mães da Praça de Maio, reconhecidas internacionalmente por sua luta por justiça para as vítimas da última ditadura argentina (1976-1983)

Uma mulher no comando nacional de greve

Cibele Vieira não só participou da greve nacional petroleira que terminou recentemente como foi uma das pessoas que integrou o comando de greve ao ocupar, junto a outros quatro petroleiros, o edifício sede da Petrobras no Rio de Janeiro por 21 dias. Ao fazer parte da Comissão Permanente de Negociação, Cibele representou as mulheres petroleiras, as operárias e as sindicalistas.

Ela liderou uma greve vitoriosa que reverteu o esvaziamento do espaço negocial coletivo imposto aos trabalhadores pela nova gestão da Petrobrás, com o fato de que os representantes dos trabalhadores sentaram à mesa e esperaram a negociação, e desta maneira, a empresa se viu obrigada a conversar com os empregados. Mesmo que a negociação tenha acontecido por intermédio do Tribunal Superior do Trabalho. Ao final desta greve intensa, que muitos da geração de Cibele nunca tinham passado, o saldo foi positivo, principalmente com relação às questões corporativas “ficou claro que através da luta vão se conseguindo as pequenas conquistas e dessas conquistas é possível acreditar na vitória”, com isso o enfrentamento acontece e o trabalhador passa a ser respeitado.

Sua história no movimento sindical tem base numa preocupação que carrega consigo desde a adolescência, que é pensar no outro e enfatizar sempre o interesse coletivo. Desde que entrou na Petrobras, Cibele sempre participou ativamente das reuniões do sindicato, mas só passou a fazer parte da diretoria depois de sete anos de empresa. Sua participação foi construída ao longo do tempo. Segundo ela, a maioria da categoria petroleira é de homens, hoje somos 16 %, e infelizmente nas direções sindicais, essa estatística é ainda menor.

Na Federação Única dos Petroleiros, houve avanço significativo na representação das mulheres, pela primeira vez nesta gestão são oito (entre titulares e suplentes) mulheres. Para Cibele, “infelizmente a gente ainda cresce dentro de uma cultura machista, de que a tomada de decisão não é das mulheres, mas felizmente isso tem sido cada vez mais questionado e a mudança comportamental é percebida como uma sociedade mais igualitária apesar dos ataques da onda conservadorismo que vivemos”.

O desafio de lutar contra o machismo que existe no meio sindical é importante. Há sem dúvida uma diferença de tratamento entre homens e mulheres, mas é preciso mostrar que isso não é mimimi, não é frescura e que manifestações de machismo acontecem até num ambiente onde as pessoas se respeitam.



Uma petroleira no CA da Petrobrás

por Alexandre Gaspari

Rosângela Buzanelli não é a primeira mulher a representar trabalhadoras e trabalhadores da Petrobrás no Conselho de Administração da empresa. Entretanto, sua eleição este ano é emblemática. Em um governo que desvaloriza e desrespeita as mulheres e vem promovendo o desmonte da companhia, vendendo ativos em diversas áreas e promovendo uma privatização da Petrobrás em partes, a escolha de Rosângela é símbolo não apenas de empoderamento feminino: representa também o desejo de petroleiras e petroleiros de ter uma Petrobrás pública e cada vez mais forte, retomando seu papel de vetor do desenvolvimento social e econômico brasileiro.

Com o lema “Reunir para Resistir”, Rosângela venceu o pleito em primeiro turno, recebendo 5.300 votos – 53,62% do total. Foi a primeira vez em que um representante dos trabalhadores da Petrobrás foi eleito em primeiro turno para o CA. O que se torna ainda mais representativo considerando que ela foi uma das duas únicas mulheres a concorrerem, numa lista de 21 candidatas.

Por ser diretora do Sindipetro-Norte Fluminense, Rosângela teve dificuldades em conversar com as pessoas em algumas bases da Petrobrás durante a campanha. Devido à histórica greve dos petroleiros em fevereiro – a maior desde 1995 –, seu crachá foi bloqueado e seu acesso impedido a algumas instalações da empresa.

Os percalços não desanimaram a engenheira geóloga de 60 anos, 33 deles dedicados à Petrobrás, como geofísica. O desafio de chegar ao CA foi maior, inclusive, que seus planos pessoais, que incluíam sua aposentadoria, pouco antes de ser convidada a integrar a chapa que venceu as eleições no Sindipetro-NF.

“Tenho compromisso com o coletivo desde jovem. Isso me fez adiar meus planos pessoais para contribuir com essa causa. Minhas principais motivações são o coletivo que está comigo e defender a Petrobrás, não poderia dizer ‘não’”, conta ela, explicando a importância do apoio da Federação Única dos Petroleiros (FUP) para sua decisão de concorrer ao CA da Petrobrás. “Pobre daquele que nunca experimentou a magia e a força do coletivo”, completa.

Rosângela Buzanelli é formada pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e tem mestrado em Sensoriamento Remoto pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Paulistana, ingressou na Petrobrás em 1987, quando se mudou para o Rio de Janeiro.

O trabalho como geofísica a levou a outras cidades do país, como Curitiba, no Paraná, e Macaé, no Norte Fluminense, onde mora desde 1997. Nos 33 anos de Petrobrás, Rosângela viveu experiências profissionais tanto na área operacional quanto na administrativa. Conheceu e conversou com trabalhadoras e trabalhadores de todos os níveis funcionais da empresa, o que lhe deu uma visão ampla das demandas de petroleiras e petroleiros da companhia.

Por isso, Rosângela faz questão de reforçar o caráter técnico e coletivo de seu mandato no Conselho de Administração da Petrobrás.

“Queremos marcar uma atuação bastante firme, com argumentos sólidos, baseados em estudos, fatos e dados, pelos direitos de petroleiras e petroleiros e por uma Petrobrás pública, forte, integrada e indutora do desenvolvimento social, econômico e tecnológico do Brasil. A missão é árdua, mas temos de ocupar esse assento para fazer o contraponto, trazer para esse fórum um olhar diferente da visão hegemônica que, baseado em estudos técnicos, provoque a reflexão de cada integrante do Conselho antes de votar”, detalha.

Outro ponto fundamental é garantir um trabalho com muita transparência, que dialogue com os trabalhadores e trabalhadoras. “Essa vitória é nossa, dos trabalhadores e trabalhadoras. Tenho o compromisso de defender a transparência, de defender a nossa Petrobrás e o corpo técnico da empresa. Vamos reunir para resistir”, lembra ela.

